



FALANGE MIÚDA

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Interação dos surdos de Brasiléia com os surdos de Cobija: relações na região de fronteira

Gustavo Marques Brandão¹

Universidade Federal do Acre – UFAC

Lucas Vargas Machado da Costa²

Universidade Federal do Acre – UFAC

Vivian Gonçalves Louro Vargas³

Universidade Federal do Acre – UFAC

RESUMO

As cidades de Brasiléia (Acre) e de Cobija (Bolívia) estão localizadas na região de fronteira entre o Brasil e a Bolívia, sendo um espaço no qual brasileiros e bolivianos transitam constantemente. Nesses locais, normalmente, é utilizada uma interlíngua, ou seja, uma língua intermediária entre os usuários do português (brasileiros) e do espanhol (bolivianos), e de outras línguas orais utilizadas nos dois países. Além das línguas orais, há também as línguas de sinais utilizadas nessas regiões de fronteira, entre elas, a Libras e a Língua de Sinais Boliviana. Assim, o presente artigo tem como objetivo descrever como ocorre a interação entre os surdos que transitam nesta região, trazendo reflexões sobre a possível utilização de uma interlíngua sinalizada e da alternância entre a Libras e a Língua de Sinais Boliviana. O estudo foi realizado a partir de levantamentos bibliográficos e de uma entrevista com dois surdos que moram na região de fronteira Brasil/Bolívia, tratando-se de uma pesquisa qualitativa, com objetivos descritivos. Como embasamento para o trabalho foram utilizados os estudos de Calvet (2002), Albuquerque (2006) e Miranda (2020). Foi possível observar que os surdos que moram nesta região, e transitam entre os dois países, tendem a usar o espanhol e o português escritos, principalmente para se comunicarem com pessoas ouvintes; em relação ao uso das línguas de sinais, utilizam a LSB e a Libras, sendo que, a depender do(s) interlocutor(es) é usada uma mescla de sinais de ambas as línguas constituindo-se, assim, uma interlíngua sinalizada.

Palavras-chave: Interlíngua; Região de Fronteira; Surdos.

Interaction of the deaf from Brasiléia with the deaf from Cobija: relations in the border region

ABSTRACT

¹ Graduado em Letras Libras pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Discente do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (PPGLI/UFAC), Rio Branco, Acre, Brasil. Endereço: Rod. Br 364, Km 5, Distrito Industrial, Rio Branco, Acre, Brasil, CEP: 69920-900. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2224-1361>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1428775721896780>. E-mail: gustavo.brandao@sou.ufac.br.

² Mestre pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI/UFAC); Professor da área de Linguística da Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, Acre, Brasil. Endereço: Rod. Br 364, Km 5, Distrito Industrial, Rio Branco, Acre, Brasil, CEP: 69920-900. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6549-7845>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2041384660148021>. E-mail: lucas.vargas@ufac.br.

³ Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (PPGLI/UFAC). Professora da Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, Acre, Brasil. Endereço: Rod. Br 364, Km 5, Distrito Industrial, Rio Branco, Acre, Brasil, CEP: 69920-900. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1515-5828>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7819483255493251>. E-mail: vivian.vargas@ufac.br.

The cities of Brasiléia (in Acre) and Cobija (in Bolivia) are located in the border region between Brazil and Bolivia, an area where Brazilians and Bolivians frequently move back and forth. In these places, an interlanguage is normally used, that is, an intermediate language between users of Portuguese (Brazilians) and Spanish (Bolivians), as well as other spoken languages used in both countries. In addition to spoken languages, there are also sign languages used in these border regions, including Libras and Bolivian Sign Language. Thus, the purpose of this article is to describe how interaction occurs among deaf people who move through this border region, bringing reflections on the possible use of a signed interlanguage and the alternation between Libras and Bolivian Sign Language. The study was conducted based on bibliographic surveys and an interview with two deaf individuals who live in the Brazil/Bolivia border region, being a qualitative research with descriptive objectives. The work was supported by the studies of Calvet (2002), Albuquerque (2006) and Miranda (2020). It was possible to observe that the deaf who live in this region, and move between the two countries, tend to use written Spanish and Portuguese, mainly to communicate with hearing people; regarding the use of sign languages, they use LSB and Libras, and depending on the interlocutor(s), a mix of signs from both languages is used, thus constituting a signed interlanguage.

Keywords: Interlingua; Border Region; Deaf people.

INTRODUÇÃO

As línguas de sinais permeiam a vida, os estudos e as relações sociais da maioria dos surdos, pois “A voz dos surdos são as mãos e os corpos que pensam, sonham e expressam. As línguas de sinais [...] significam a possibilidade de organizar as ideias, estruturar o pensamento e manifestar o significado da vida para os surdos” (Quadros, 2008, p. 119). Sendo assim, as línguas de sinais são utilizadas como meio de comunicação por grande parte das pessoas surdas nos mais variados espaços do mundo. De acordo com Quadros (1997, p. 47),

As línguas de sinais são sistemas linguísticos que passam de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não se derivam das línguas orais, fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o canal espaço-visual como modalidade linguística.

Cada país possui sua (s) língua (s) de sinal/sinais e algumas delas são legalmente reconhecidas. No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida em 2002, pela Lei nº 10.436, como meio de comunicação das pessoas surdas brasileiras. Na Bolívia, país com o qual fazemos fronteira, uma das línguas de sinais utilizada pelos surdos é a Língua de Sinais Boliviana (LSB). De acordo com Miranda et al. (2023) “a LSB ainda não é reconhecida oficialmente na Bolívia, mas há um movimento da Comunidade Surda para que isso aconteça” (Miranda et al, 2023, p. 167).

Como pesquisadores, usuários de Libras, e moradores da cidade de Rio Branco - Acre, próximo à região de fronteira, surgiu o interesse em observar e registrar, a partir das declarações dos surdos que moram/transitam na região de fronteira entre Brasil

(especificamente na cidade de Brasília) e Bolívia (cidade de Cobija), como é a interação entre eles, verificando se é utilizada uma interlíngua sinalizada, ou se os surdos da região são pessoas bilíngues, ou seja, se usam de forma alternada a Línguas de Sinais Brasileira e a Boliviana.

A fronteira territorial que divide os países, imposta por limites físicos, áreas de segurança e policiamento, transgride sua materialidade no momento em que seus partícipes interagem de variadas maneiras, entre essas as formas de comunicação. Nessa perspectiva, Costa (2012, p. 24) aponta que “a fronteira é mais que isso: é uma área geográfica, com limites imprecisos, variável e dinâmica (que ora retrai, ora expande)” (Miranda *et al.*, 2023, p. 155).

Refletindo sobre a dinâmica nestes espaços, foi estabelecido como objetivo geral do trabalho verificar se os surdos que transitam na região de fronteira entre Brasília (Brasil) e Cobija (Bolívia) utilizam uma interlíngua sinalizada ou se são pessoas bilíngues que usam de forma alternada as línguas de sinais brasileira e boliviana. “Na realidade de fronteira, a linguagem ganha novos contornos e ricos significados. É impossível ignorar a realidade bilíngue numa região de fronteira” (Moraes, 2012, p. 29).

Os surdos participantes da pesquisa são pessoas que integram a Associação dos Surdos⁴ de Cobija – Bolívia, com as quais tivemos contato em um campeonato organizado pela Associação dos Surdos do Acre (ASSACRE) em 2022. Assim, convidamos dois desses surdos para participar da pesquisa, sendo um deles brasileiro, que mora na Bolívia, e o outro boliviano. Foi realizada uma entrevista virtual pelo *Google Meet* com os dois participantes ao mesmo tempo. É um registro importante, uma vez que mostra como as questões culturais influenciam as línguas locais. Podemos afirmar que a(s) língua(s) “[...] é o suporte de uma dinâmica social. [...] funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua” (Preti, 1977, p. 2).

A partir de leituras iniciais, verificamos pesquisas relacionadas à região de fronteira entre Corumbá, no estado Mato Grosso do Sul no Brasil (BRA), e nas cidades de Puerto Suárez e Porto Quijarro na Bolívia (BOL). De acordo com Miranda *et al* (2023, p.153), esse estudo demonstrou que,

⁴ Essas associações são fundadas pelos surdos em suas cidades e são locais de encontro, nos quais são criadas redes de relacionamentos, luta e valorização das línguas de sinais, sendo referências culturais para essas pessoas (Brito, 2013).

[...] mesmo com dificuldades de comunicação os surdos da região de fronteira se comunicam em Língua de Sinais, sendo surdos bolivianos em sua maioria usuários da Libras enquanto uma minoria utiliza a LSB mesmo vivendo na Bolívia. Deste modo, compreendemos que a região de fronteira é um espaço propício para o aprendizado tanto da Libras quanto da LSB, contudo as interferências das Línguas de Sinais auxiliam a aproximação dos surdos desses países, sendo que a Libras é a Língua de Sinais que mais influencia nas misturas de línguas ou alternâncias de código na interferência desse Bilinguismo.

É importante que sejam estudadas como ocorrem as trocas e como são as relações entre os surdos de Cobija (Bolívia) e Brasília (Brasil), contribuindo com as pesquisas da área e valorizando as diversidades linguísticas das línguas de sinais em um espaço no qual há línguas em contato. Assim, é necessário que estudos como esse sejam realizados em uma universidade, Ufac, que está localizada na região amazônica próxima a fronteiras com outros países.

A partir do estudo, notou-se a utilização de recursos variados na interação entre as pessoas surdas que transitam na região de fronteira Brasília – Cobija.

1 AS LÍNGUAS DE SINAIS E SUAS ORIGENS

As línguas de sinais têm suas origens a partir de outras línguas de sinais, não sendo estas provenientes de línguas orais, apesar de serem poucos os registros conhecidos. Dessa forma, “Cada língua de sinais tem suas influências e raízes históricas a partir de línguas de sinais específicas. Há poucos documentos registrados por surdos, e sobre os surdos, que possam fornecer informações sobre a origem e o desenvolvimento das línguas de sinais entre os surdos” (Gesser, 2009, p. 35).

Os usuários de línguas de sinais convivem e interagem com os usuários de línguas orais, as utilizando também, principalmente, na modalidade escrita. Assim, é natural nesse processo que ocorram empréstimos linguísticos, entretanto, “[...] a coabitação da maioria das línguas de sinais com as línguas orais faz com que empréstimos, alternâncias e trocas linguísticas aconteçam [...]. Mas isso não quer dizer que as línguas de sinais tenham suas origens [...] nas línguas orais” (Gesser, 2009, p. 35). Conforme explica Quadros (1997, p. 47),

As línguas de sinais são sistemas linguísticos que passam de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não se derivam das línguas orais, fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o canal espaço-visual como modalidade linguística.

Os registros relacionados às línguas de sinais têm início juntamente com os escritos que se relacionam ao registro do processo educacional de surdos, especificamente, com Charles Michèle L'Épée ao encontrar gêmeas surdas francesas que estabeleciam comunicação mediante ao uso de sinais. O abade afirmou que essa deveria ser a língua utilizada para ensinar os surdos, pois não se tratava de um simples código. Segundo L'Épée, 1820, *apud* Cerqueira; Teixeira (2022, p. 276),

Não é mais necessário mostrar que o único meio de obter sucesso sólido e real na educação de surdos-mudos de nascença é servir-se, para esclarecer e desenvolver sua inteligência, dos mesmos sinais que a natureza lhes inspira, sem ajuda de nenhum mestre, para exprimir suas ideias e suas necessidades. É o único meio de chegar a seu espírito e entrar em comunicação com eles; pois, para esses desafortunados, cujo ouvido nunca foi tocado pela voz materna, qualquer língua, mesmo aquela do país em que nasceu, é uma língua estrangeira [...].

Historicamente, apesar do que foi apontado por L'Épée, no século XVII, as línguas de sinais foram, por muitos anos, percebidas como gestos, códigos secretos, sendo defendido, por muitos, que seu uso seria prejudicial aos surdos, pois os deixaria preguiçosos, atrapalhando o aprendizado da língua oral. Gesser (2009, p.58) esclarece que,

As atividades árduas, desgastantes e intensas das sessões de “treino” para aprender o idioma contrastam com o prazeroso e natural uso da língua de sinais pelo grupo. O uso da língua de sinais sempre germina no encontro surdo-surdo e essa realidade faz com que os profissionais temam pelo progresso de seu trabalho, ou seja, acreditava-se [...] que o treinamento da leitura labial e da vocalização pudesse ficar completamente comprometido [...].

O grande marco dessas discussões foi o Congresso de Milão, realizado em 1880, que proibiu o uso das línguas de sinais no processo educacional dos surdos, sendo eles obrigados a utilizar a língua oral reconhecida em seu país. “Em 6 até 11 de setembro de 1880, houve um congresso internacional de educadores surdos em cidade de Milão na Itália. Neste congresso, foi feita uma votação proibindo oficialmente a língua dos sinais na educação de surdos” (Strobel, 2009, p. 39).

Esse congresso foi um dos acontecimentos que mais afetou a história dos surdos, pois as decisões nele tomadas foram extremamente negativas para esses sujeitos e, a partir dele, gerados muitos prejuízos educacionais (Strobel, 2009) dentre outros; o Congresso de Milão (1880) foi um retrocesso para os surdos, pois, entre outras decisões nele tomadas,

ocorreu a proibição do uso da língua de sinais nos ambientes educacionais nos quais os surdos estavam imersos (Strobel, 2009).

Após esse evento, os surdos perderam sua liberdade linguística, uma vez que lhes foi imposta a aprendizagem da fala, através do método do oralismo, passando a ser terminantemente proibido sinalizar, não podendo o surdo fazer uso de sua língua ou de gestos, para se comunicar. Pensava-se que se o sujeito surdo fosse introduzido em uma cultura totalmente ouvinte ele seria estimulado a falar e a integrar-se na comunidade ouvinte, dentro do “parâmetro de normalidade”. Strobel e Perlin (2008) afirmam que, em consequência do Congresso de Milão, de 1880, houve uma fase de isolamento cultural da comunidade surda, devido à proibição do uso da língua de sinais, em sua educação (Vargas; Souza, 2021, p. 894).

Por, aproximadamente um século, a sinalização não poderia ser utilizada nas escolas, sendo os surdos privados de muitas informações, e fazendo o uso de suas línguas clandestinamente, escondido dos professores, pois, caso a utilizassem, seriam castigados. “[...] as escolas, em sua grande maioria, proibiam o uso da língua de sinais para a comunicação entre os surdos, forçando-os a falar e a fazer leitura labial. Quando desobedeciam, eram castigados fisicamente, e tinham as mãos amarradas dentro das salas de aula” (Gesser, 2009, p. 25).

Na década de 60, após anos de insucesso na educação da maioria das pessoas surdas, e também após os inícios dos estudos relacionados às línguas de sinais, a princípio pelo pesquisador norte-americano Willian Stokoe, a visão em relação às línguas sinalizadas começou a mudar, pois foi demonstrado seu status linguístico e apresentadas características comuns às línguas naturais humanas também nas línguas de sinais (Strobel, 2009).

Destaca-se que a sinalização é a forma natural de comunicação entre as pessoas surdas. Assim, onde há surdos, haverá língua de sinais que mediará a interação entre essas pessoas. No Brasil, um importante marco no que se relaciona às formas de sinalização aqui existentes, foi a criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro, em 1857. O INES foi a primeira escola de surdos criada no país, por Dom Pedro II juntamente com o professor surdo francês Huet.

A partir da criação desse instituto, surdos residentes em diferentes localidades brasileiras se direcionaram ao Rio de Janeiro para estudarem, chegando com suas formas de sinalização utilizadas em seu dia a dia, chamadas de línguas de sinais caseiras. A

interação entre esses surdos, juntamente com a sinalização utilizada pelo professor francês Huet, a Língua de Sinais Francesa, contribuiu para a constituição do que hoje chamamos Libras, Língua Brasileira de Sinais⁵. Assim, para além do ensino de sinais estrangeiros, a reunião dos surdos contribuiu para o fortalecimento da língua e cultura surdas, a partir da base linguística construída no seio familiar (Cerqueira; Teixeira, 2022, p. 284).

Assim, a Língua de Sinais Francesa influenciou a constituição da Libras, da mesma forma que influenciou a formação da Língua Americana de Sinais (ASL), pois também foi para os Estados Unidos um professor francês, chamado Laurent Clerc, com o intuito de contribuir com a educação dos surdos na América do Norte, a partir da fundação da primeira escola de surdos, Gallaudet, em 1817.

Ocorreu, dessa forma, um processo educacional, e conseqüente reestruturação linguística, semelhante entre os dois países. Em relação à Língua de Sinais Boliviana pode-se perceber, apesar de restritos registros encontrados, que ainda não é reconhecida legalmente no país, sendo trazida como uma adaptação da ASL (Miranda, 2023).

Dessa forma, a chegada das pessoas surdas, de diferentes faixas etárias, nas escolas, contribui com a unificação cultural e linguística dos surdos, tornando-se um ambiente no qual, a partir do encontro e do estabelecimento de relações entre eles, as línguas de sinais por eles utilizadas no ambiente familiar são reestruturadas e se adequam ao novo contexto, iniciando-se a formação de uma comunidade (Cerqueira; Teixeira, 2022).

A partir da constituição das comunidades surdas, essas pessoas se fortaleceram e iniciaram movimentos pela aceitação e reconhecimento das línguas de sinais por todo o mundo.

2 O CONTATO ENTRE LÍNGUAS EM REGIÕES DE FRONTEIRA

O Decreto 5.626 regulamentou, em 2005, a Lei 10.436/2002, que reconheceu legalmente a Libras, e esclareceu quem é considerada pessoa surda: Art. 2º “Para fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura

⁵ É importante destacar que há uma variedade de línguas de sinais no mundo e que em um país pode haver várias formas de sinalização. O que ocorre, na maioria das vezes, é que uma dessas línguas passa a ser legalmente reconhecida. Assim, a Libras não é a única língua de sinais utilizada pelos surdos brasileiros. “Em relação às Línguas de Sinais, temos mais de 200 línguas de sinais, sendo considerado um potencial ilimitado pela Federação Mundial de Surdos (World Federation of the Deaf – WFD). Importante ressaltar que as Línguas de Sinais são formadas pela necessidade que a Comunidade Surda tem em se relacionar linguisticamente. Logo as Línguas de cada país são formadas pelas derivações de outras línguas em contato [...]” (Miranda, 2023, p. 156).

principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras (Brasil, 2005).

O artigo menciona o termo “cultura”, visto estar associado a essas pessoas uma cultura marcada e traduzida, principalmente, pelo uso das línguas de sinais e pela interação visual com o mundo. A cultura surda, termo muito frequente nos estudos relacionados a essas pessoas, é vista, de acordo com Sá (2006, p. 7), como aquela que,

[...] refere-se aos códigos próprios dos surdos, suas formas de organização, de solidariedade, de linguagem, de juízos de valor, de arte etc. Os surdos envolvidos com a cultura surda autorreferenciam-se como participantes da cultura surda, mesmo não tendo eles características que sejam marcadores de raça ou de nação.

Entretanto, os surdos que vivem nas regiões de fronteira, além das especificidades relacionadas ao fato de interagirem com o mundo por meio de recursos visuais, possuem culturas influenciadas pelas vivências e pelos costumes das pessoas dos dois países. “É essencial que entendamos que a cultura surda é como algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilha algo que tem em comum, seus conjuntos de normas, valores e comportamentos” (Strobel, 2018, p. 30).

Os surdos podem ser considerados bilíngues quando utilizam a língua de sinais e a língua oral de seu país na modalidade escrita, mas também são bilíngues quando utilizam mais de uma língua de sinais. Dessa forma, nota-se que “[...] numa região de fronteira, a situação da linguagem é totalmente diferente das demais regiões do país” (Moraes, 2012, p. 29).

Há diferentes definições para bilinguismo, conforme destaca Quadros (2019, p. 149-150),

Há muitas formas de ser bilíngue. Bilinguismo se aplica àqueles que usam duas ou mais línguas no seu dia a dia. [...] raramente bilíngues são igualmente fluentes em suas diversas línguas. Alguns falam melhor uma delas, escrevem melhor na outra e, ainda, falam uma terceira apenas em determinado contexto, não sabendo usá-la em outras situações. É muito comum a variabilidade entre os bilíngues, exatamente porque as línguas podem ser usadas de diferentes formas, com diferentes pessoas, em contextos bastante específicos [...]. Raramente as pessoas escolhem ser bilíngues. Elas são bilíngues simplesmente porque crescem em contextos em que aquelas línguas são usadas pelas pessoas com quem convivem.

Assim, os surdos são também bilíngues quando utilizam duas ou mais línguas de sinais, muitas vezes devido às especificidades dos contextos onde vivem, destacando-se regiões fronteiriças, região em que focamos neste artigo, a partir do tema em estudo.

As línguas de sinais são espaço-visuais, modalidade diferente da modalidade das

línguas utilizadas por grande parte da população, as línguas orais auditivas. Independentemente da modalidade, “[...] as línguas de sinais são [...] consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 51). Assim, fenômenos comuns a todas as línguas, como variações e empréstimos linguísticos, são percebidos nas línguas de sinais. Conforme Quadros (1997, p. 47),

As línguas de sinais são sistemas linguísticos que passam de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não se derivam das línguas orais, fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o canal espaço-visual como modalidade linguística.

O processo de contato entre as diferentes línguas, tanto orais como de sinais, resulta em uma mistura dessas línguas, sendo denominado como um fenômeno interlíngual, sendo que essa mistura gera interferências em ambas as línguas. “[...] essas misturas de línguas (no inglês *code mixing*) ou de *alternância de código* pode ocorrer tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais [...]” (Miranda, 2023, p. 155).

Em um país de tamanho continental como o Brasil, no qual há diversas regiões de fronteiras, é natural que haja o contato entre as línguas utilizadas pelas pessoas que vivem nestes espaços. O texto em tela tem como foco a região de fronteira entre Brasil e Bolívia, um espaço que, por muito tempo, foi alvo de disputas devido à produção e comercialização da borracha. De acordo com Rafael *et al* (2022, p.35),

A formação da fronteira enquanto um espaço de intervenção do Estado em perspectiva clássica, ou seja, de defesa territorial, se fez com o povoamento e fortificações que almejavam estabelecer o controle territorial. A rigor, a delimitação das fronteiras com a Bolívia esteve pautada em ações de estabelecimento de limites e de fixação da presença “brasileira” no território boliviano, posteriormente apropriado pelo Brasil.

Atualmente, a região caracteriza-se como um espaço de comércio, no qual busca-se por preços mais acessíveis (Folha de Vilhena, 2025).

Araújo; Bentes (2020) destacam em seus estudos outra região de fronteira – no caso a fronteira entre Brasil, na região do estado de Roraima, e Venezuela, frisando o contato entre os surdos e suas línguas de sinais, especificamente a Língua de Sinais Venezuelana e a Libras. Araújo; Bentes (2020, p.132) destacam que,

É de se esperar que pelo menos nessas aglomerações urbanas o contato entre as comunidades surdas dos diferentes países com o Brasil seja mais dinâmico, ou por questões migratórias, como em Roraima, ou por questões educacionais, comerciais, turísticas, etc.

Calvet (2002, p. 37) afirma que a relação de um indivíduo em situação de confronto com duas línguas que utiliza vez ou outra poderá gerar misturas em seu discurso. O contato de línguas produz fenômenos linguísticos interessantes, que vão de simples empréstimos gramaticais até mistura de línguas. No que tange ao processo de empréstimos linguísticos, Miranda (2020, p. 21) afirma:

Os empréstimos linguísticos podem ser decorrentes do contato de línguas, seja físico, coexistência espacial, seja cultural, acesso a livros estrangeiros, filmes, relações comerciais, enfim importação de produtos e cultura. Todas as línguas tomam palavra emprestadas de outras, com menos ou mais intensidade. Há línguas, como o francês, que controlam a entrada de itens lexicais, conseqüentemente de empréstimos [...]. Existem também línguas como o inglês que abarcam um grande vocabulário importado. A língua portuguesa, especialmente a falada no Brasil (PB), possui um repertório de palavras advindas de diversas línguas, como as indígenas, as africanas, a italiana, a árabe, a alemã e a inglesa. Esta última, em especial, com influências no léxico especializado, na terminologia relativa à ciência e a tecnologia.

Questões culturais, sociais e locais vêm influenciando em sua constituição, inclusive na região de fronteira Brasil-Bolívia, foco deste estudo, quando seus usuários têm contato com a Língua de Sinais Boliviana. De acordo com Calvet (2012, p. 31),

À interferência lexical pode produzir o empréstimo: mais que procurar na própria língua um equivalente a uma outra língua difícil de encontrar, utiliza-se diretamente essa palavra adaptando à própria pronúncia. Contrariamente a interferência, fenômeno individual, o empréstimo é um fenômeno coletivo: todas as línguas tomaram empréstimos de línguas próximas, por vezes de forma massiva [...], a ponto de se poder assistir, em contrapartida, a reações de nacionalismo linguístico.

Cada país tem histórias relacionadas às constituições de suas línguas de sinais. Quadros; Silva (2017, p. 143) esclarecem que,

As línguas de sinais nacionais, que desfrutam de algum reconhecimento e/ou políticas linguísticas que as colocam como língua oficial da comunidade surda de seus respectivos países; as línguas de sinais nativas, faladas em pequenas comunidades pouco ou nada urbanizadas, em geral distantes dos grandes centros, que apresentam grande incidência de surdez; e as línguas de sinais originais, que também eram faladas por pequenas comunidades de surdos previamente à instituição de uma língua de sinais nacional no país.

Calvet (2002, p. 28) propõe três modelos de interferências linguísticas entre as línguas orais utilizadas na região de fronteira, sendo elas: as interferências fônicas, as interferências sintáticas e as interferências lexicais. No que se refere às interferências fônicas: são influências relacionadas às pronúncias, no caso, entre os usuários do português e do espanhol na fronteira entre Brasiléia-Brasil e Cobija-Bolívia, por exemplo; as interferências sintáticas relacionam-se às questões estruturais, de construções sintáticas; interferência lexical: estão relacionadas aos empréstimos linguísticos, entre os usuários das línguas em contato. Nota-se que, apesar de as pesquisas terem sido realizadas com línguas orais, as interferências dois e três ocorrem nas línguas sinalizadas.

Nesse sentido, Albuquerque (2009, p. 15) esclarece que,

A prática cotidiana das pessoas que vivem em áreas fronteiriças revela variadas formas de hibridismo linguístico [...]. Os moradores fronteiriços estão acostumados a misturar os idiomas, as músicas, a culinária etc., a criar estereótipos sobre os outros e se identificar com suas respectivas nações. Mas os governos e a maioria dos educadores vêm a mistura como um perigo e um medo de perder a soberania nacional.

Assim, nota-se que a cultura de um povo influencia a cultura de outro em diversos aspectos, na região de fronteira. As pessoas que ali convivem, devido ao contato, acabam aprendendo as duas línguas, sendo bilíngues, ou então, pode surgir uma interlíngua, que se caracteriza como uma língua intermediária utilizada por pessoas que transitam em espaços nos quais há usuários de diferentes línguas. Dessa forma, “A fronteira é um lugar que ganha significações diferenciadas, em especial para aqueles que nela vivem, pois ela se define como um espaço de contato, na qual, as culturas se tocam, as línguas se aproximam e as nações se entreolham e se entrelaçam” (Moraes, 2012, p. 42).

3 O CAMINHO TRAÇADO PARA A REALIZAÇÃO DO ESTUDO

O despertar para este estudo ocorreu quando participávamos da comemoração do dia nacional do surdo (26 de setembro de 2022) organizada pela Associação dos Surdos do Acre (ASSACRE), na qual ocorreu um campeonato de futsal em Rio Branco e um surdo de Brasiléia veio para participar. A partir de então, começamos a nos interessar em verificar como seria a comunicação entre surdos bolivianos e brasileiros na região de fronteira Cobija – Brasiléia.

Propôs-se uma pesquisa descritiva realizada por meio de levantamentos

bibliográficos e entrevistas “[...] com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 52). Assim, foi feito contato com esse surdo e o convidamos para participar da pesquisa, juntamente com um amigo que ele nos apresentou.

Então, combinamos uma data para a entrevista e ficou agendado para mês de fevereiro de 2025, sendo feita ao mesmo tempo com os dois surdos, que serão identificados pelos nomes fictícios Carlos e José Luiz. As perguntas foram sinalizadas em Libras tendo em vista que os sujeitos eram surdos, e que um deles era usuário de Libras e também LSB.

Um desses surdos nasceu no Brasil e tem a Libras como primeira língua, mudando-se para Cobija para trabalhar. O outro surdo participante é boliviano, tem a Língua de Sinais Boliviana como sua primeira língua.

Em relação aos procedimentos, a pesquisa-base deste artigo se configura como um estudo que consiste em “[...] coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa.” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 60).

A princípio, a entrevista seria realizada pessoalmente, na fronteira de Brasília e Cobija. Porém, devido a vários entraves, não foi possível. Por isso, a conversa foi realizada virtualmente, pelo *Google Meet*, com os dois participantes ao mesmo tempo. A entrevista foi sinalizada e gravada, para podermos observar as sinalizações dos participantes e suas falas sobre como ocorre a interação entre eles e outros surdos da região. Foram coletados dados pessoais para traçar um perfil dos participantes (idade, tempo de residência na localidade, etc.).

Apesar das interrupções devido à má qualidade da internet, conseguimos conversar com os participantes no dia 21 de fevereiro de 2025.

Foi realizada uma entrevista estruturada, pois foi seguido um roteiro, estabelecido anteriormente (Prodanov; Freitas, 2013). No início da entrevista foi feita a solicitação de que se apresentassem, sinalizando o nome, o sinal, a idade e a profissão. Na sequência, foi perguntado:

- 1) Vocês usam qual língua de sinais: Libras ou Língua Boliviana de Sinais, ou as duas?
- 2) Vocês acham que se comunicam bem na região de fronteira Brasil – Bolívia?
- 3) Em que situações vocês usam cada uma das línguas?
- 4) Como vocês aprenderam sinalizar?
- 5) A interlíngua é um processo natural na região devido ao fluxo de pessoas entre os dois

países. Vocês conseguem se comunicar nesta área de fronteira? É possível?

6) Quais os recursos vocês utilizam nesta região para se comunicarem com os ouvintes? Vocês oralizam, sinalizam, escrevem, utilizam o celular?

7) Vocês participam da comunidade surda ou já participaram?

Após a entrevista, o vídeo foi traduzido para a língua portuguesa escrita, para facilitar a construção do texto. Assim, a partir das colocações dos participantes, foram gerados os dados para a realização da análise, em busca de responder aos objetivos do estudo.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A entrevista foi realizada de forma virtual, conforme dito, pois não foi possível ir à região de fronteira. Inicialmente, os participantes se apresentaram. Como não conhecemos bem a Língua de Sinais Boliviana, o surdo brasileiro mediou a conversa nos momentos em que percebia que estávamos em dúvida, sinalizando em Libras.

O surdo brasileiro, Carlos, tem 31 anos e nasceu em Brasília. Estudou e concluiu o Ensino Médio e, atualmente, trabalha na Bolívia. José Luiz tem 30 anos e nasceu em Cobija, na Bolívia. Atualmente, trabalha na prefeitura de sua cidade. Eles participam dos encontros da comunidade surda boliviana que ocorrem em Cochabamba- Bolívia.

Ao perguntarmos qual a língua de sinais utilizada por eles, se Libras ou Língua de Sinais Boliviana, ou as duas, Carlos respondeu que, desde criança, quando entrou na escola, aprendeu a Libras. A Língua de Sinais Boliviana foi aprendida aos 14 anos, como segunda língua. José Luiz enfatiza que ele utiliza a língua de sinais boliviana, destacando que a aprendeu aos 9 anos.

Assim, pela fala do surdo boliviano, percebe-se que ele não utiliza a Libras, não sendo uma pessoa bilíngue. Isso pôde ser percebido no decorrer da conversa, pois o surdo brasileiro precisou, em vários momentos, realizar o papel de intérprete para o surdo boliviano, pois ele não conseguia compreender. Da mesma forma que, em algumas situações, o surdo brasileiro sinalizou em Libras para nós a informação dada pelo surdo boliviano. Pode-se inferir a partir dessa situação que o surdo boliviano não compreendia a Libras e que na interação entre ele e o amigo é utilizada a Língua de Sinais Boliviana. Dessa forma, o surdo brasileiro é bilíngue, pois utiliza as duas línguas de sinais. Assim, apesar de viver em uma região de fronteira, na qual há contato entre línguas, José Luis utiliza apenas a Língua de Sinais Boliviana.

A comunicação entre pares pode ser desenvolvida de diversas maneiras. Entre esses, as línguas de sinais, que são utilizadas pelas comunidades surdas nas diversas regiões do mundo. Em regiões fronteiriças, a condição de comunicação para pessoas surdas não se altera, cada país utiliza a sua própria língua de sinais; no entanto, aspectos da integração física e cultural são mesclados ao cotidiano e é importante reconhecer aspectos representativos que diferem a fronteira de outros lugares (Miranda *et al.*, 2023, p. 155).

Na questão seguinte, foi perguntado se eles se comunicam bem na região de fronteira Brasil – Bolívia. Carlos disse que entende Libras com clareza e consegue estabelecer uma boa comunicação com surdos bolivianos. O outro entrevistado disse:

José Luiz: *Consigno. Pergunto para a pessoa surda de Brasília qual o nome e sinal dela, então tentamos nos comunicar e compreender, mais é fácil a adaptação em Libras e em Língua de Sinais Boliviana, os sinais “NOME” e “SINAL” são diferentes, mas é possível a comunicação e compreensão.*

A fala de José Luiz demonstra que, em situações nas quais ele se encontra com surdos de Brasília que não sabem a Língua de Sinais Boliviana, principalmente em situações relacionadas a comércio ou em encontros da associação de surdos, ele busca adequar a sua sinalização, fazer adaptações para estabelecer interação. Nesse momento, é possível perceber que é utilizada uma forma de interlíngua, pois ele utiliza sinais de sua língua e da Libras, buscando mesclá-las para conseguir se comunicar. Assim, corrobora-se a ideia de Calvet (2002, p. 37), ao afirmar que a relação de um indivíduo em situação de confronto com duas línguas que utiliza vez ou outra poderá gerar misturas em seu discurso.

Os participantes foram questionados sobre as situações de uso de cada uma das línguas. Carlos afirma que utiliza as duas línguas sempre. Nota-se que, a depender do contexto, ele faz suas escolhas linguísticas, conforme pode ser percebido durante a entrevista. José Luiz, mais uma vez, afirma utilizar mais a Língua de Sinais Boliviana. Assim, as pessoas da região de fronteira tendem a ser bilíngues, não por escolha, mas devido ao contexto em que se encontram, sendo necessário no estabelecimento das relações (Calvet, 2002).

A pergunta seguinte refere-se a eles aprenderam a sinalizar.

Carlos: *Nós dois sinalizamos naturalmente, não é preciso o nome das coisas. Não precisa. Nós sinalizamos e vamos apontando. É natural.*

José Luiz: *Isso. Os nomes não, sinalizamos naturalmente, usamos sinais, apontamos.*

A fala dos entrevistados demonstra que as línguas de sinais são línguas naturais, independentes das línguas orais auditivas. Sendo assim, como eles enfatizam, não são necessários “nomes”, havendo outros recursos que são por eles utilizados, como o uso de apontamento, usados principalmente para mostrar a que ou a quem se referem, sendo categorizado como pronomes pessoais ou possessivos, além de indicar direções de acordo com o contexto em que se encontram (Quadros, 2019). A fala de ambos demonstra que esses recursos são suficientes no estabelecimento das relações, mesmo quando desconhecem os sinais correspondentes na língua do interlocutor.

Ao serem perguntados se aconteceu alguma situação em que tiveram dificuldade em se comunicar, eles esclareceram:

Carlos: *Sim, nós passamos por situações em que tentamos nos comunicar, procuramos soletrar, verificar se as letras estavam certas ou não, mas a partir da contextualização conseguimos entender, compreendemos bem.*

José Luiz: *Há alguns sinais, combinamos alguns sinais e conseguimos nos comunicar, mas há situações em que a comunicação não acontece com clareza e fica difícil entender. É preciso pensar, verificar o contexto.*

A soletração, também denominada datilologia, foi um dos recursos que Carlos afirmou utilizar em situações nas quais teve dificuldade em se comunicar. Trata-se de um sistema que representa as letras do alfabeto das línguas orais por meio das mãos. É um empréstimo linguístico utilizado quando o sinal ainda não foi criado para determinado conceito ou quando os interlocutores o desconhecem. Os empréstimos linguísticos são fenômenos naturais em todas as línguas, podendo ocorrer entre línguas orais, entre línguas de sinais e de uma língua oral para uma de sinal e vice-versa. Pode-se afirmar que “[...] todas as línguas tomam palavras emprestadas de outras, com menos ou mais intensidade.” (Nascimento, 2010, p. 21)

As línguas estão diretamente relacionadas aos seus contextos de uso. Dessa forma, mesmo que não compreendam, é possível repensar a forma de sinalizar, realizando apontamentos, soletração, incorporação dos referentes, intensificando as expressões faciais e corporais, entre outros recursos e, a partir da contextualização, esclarecer.

Carlos destaca que nunca teve contato com outras regiões de fronteira e que:

Carlos: *Tento me comunicar em Libras e em Língua de Sinais Boliviana. É um espaço bilíngue, me*

comunico bem, mas nomes e letras são diferentes em LSB. Eu sozinho tentei compreender, busquei entender frases de contexto em Libras e LSB[...]. Onde moro, eu utilizo mais a Língua de Sinais Boliviana, nos dois conversamos nessa língua. Estou em Cobija e trabalho aqui, utilizo a língua de sinais daqui.

Pode-se observar, a partir das colocações dos entrevistados que eles fazem o uso da datilologia do português e do espanhol, utilizando tanto o alfabeto manual da Libras, quanto da LSB.

Os participantes foram questionados sobre quais recursos utilizam nessa região para se comunicarem com os ouvintes, se oralizam (em português e/ou em espanhol), se sinalizam (LSB e/ou Libras), se escrevem, se utilizam o celular. Observou-se que o uso da tecnologia é importante nesse processo de interação dos surdos com pessoas que não sinalizam, especificamente na região de fronteira. José Luiz afirmou que:

José Luiz: *Utilizo muito o celular, escrevo no celular e mostro para a pessoa na rua, nos lugares que vou. Entendeu? Sempre que tenho dúvida escrevo no celular e mostro.*

Assim, é possível perceber pelas exposições dos entrevistados que ocorre o uso do espanhol e do português, na modalidade escrita, da LSB e da Libras, a depender dos contextos em que se encontram e dos interlocutores com os quais estão interagindo.

Um ponto que percebemos durante a entrevista foi a utilização por José Luiz, de sinais da ASL. Como exemplo, o sinal “NOME” foi utilizado. Nota-se que ocorrem empréstimos linguísticos entre as línguas de sinais, mesmo não sendo a ASL utilizada na região de fronteira, pois “[...] o empréstimo é um fenômeno coletivo: todas as línguas tomaram empréstimos de línguas próximas, por vezes de forma massiva [...] (Calvet, 2012, p. 31).

Na sequência, é apresentado um recorte do momento em que o surdo boliviano utilizou o referido sinal:

Figura 1 – Sinal “NOME” - ASL



Fonte: Registro dos pesquisadores (2025)

Observa-se, no sinal “NOME”, utilizado pelo surdo boliviano, a influência da ASL. Nota-se que é o mesmo sinal, mesma configuração das mãos, locação, movimento e orientação. Na Libras, conforme apresentado na Figura 2, o sinal “NOME” é diferente, sendo que na Libras o sinal é realizado apenas com uma das mãos.

A figura, a seguir, apresenta o sinal “NOME” em Libras e em ASL. Apesar de essas duas línguas terem origem comum, a Língua de Sinais Francesa, as questões culturais e sociais influenciaram a configuração de muitos sinais, tornando-os diferentes.

Figura 2 - Sinal “NOME” - Libras e ASL



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Nota-se que, em um mundo globalizado, no qual as tecnologias são utilizadas e as informações circulam rapidamente, as pessoas surdas conseguem, assim como os ouvintes, ter contato com outras línguas, que mesmo não sendo as da região de fronteira, influenciam em suas formas de sinalizar, ocorrendo empréstimos linguísticos.

Podemos observar, a partir da entrevista, que os surdos que estão em região de fronteira são pessoas que tendem a ser bilíngues, recorrendo a recursos como apontamentos, para esclarecerem as possíveis dúvidas que possam vir a surgir,

principalmente, em contatos iniciais. A convivência e o contexto do qual participam, contribuem para que a interação ocorra e para que haja compreensão entre ambos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como moradores do estado do Acre, estado que faz fronteira com países como a Bolívia e Peru, foi despertado em nós o interesse em observar questões relacionadas aos usos das línguas de sinais na região de fronteira entre Brasil e Bolívia, especificamente entre Brasiléia, no Brasil, e Cobija, Bolívia. Dessa forma, foi proposto o objetivo de verificar se os surdos que transitam na região de fronteira entre Brasiléia e Cobija utilizam uma interlíngua sinalizada ou se são pessoas bilíngues que usam de forma alternada as línguas de sinais brasileira e boliviana.

Mediante a realização de uma entrevista com um surdo brasileiro e um surdo boliviano, que transitam na região de fronteira e têm uma relação de amizade, foi possível observar algumas questões. O surdo brasileiro, Carlos, mora em Cobija, e é uma pessoa bilíngue, usuária da Libras e da Língua de Sinais Boliviana; o surdo boliviano, José Luiz, utiliza, majoritariamente, a Língua de Sinais Boliviana.

Entretanto, por terem uma relação de amizade e estarem em constante contato, percebe-se que José Luiz demonstra conhecer alguns sinais da Libras. Assim, ele está aprendendo a Libras e, provavelmente, será bilíngue devido ao contexto no qual está inserido e à convivência com surdos usuários de Libras.

Como no momento da entrevista o surdo boliviano utilizava a Língua de Sinais Boliviana, foi necessária a intermediação de Carlos, mediando a conversa e realizando a interpretação.

Observou-se, na fala dos participantes, que nem sempre os sinais são necessários, sendo trazido como recurso utilizado a apontação, indicando de forma visual a que estão se referindo. Esse recurso evoca as características visuais das línguas de sinais, destacando a importância do contexto. A relação deles e sua interação é facilitada pela relação de amizade que têm, estando em contato constante

O surdo boliviano indicou que adequa sinais da Língua de Sinais Boliviana e da Libras nos momentos em que precisa interagir com outros surdos, como os quais tem um contato menos frequente. Assim, nota-se uma interlíngua, na qual são trazidos elementos das duas línguas de sinais.

Um fato interessante, que pôde ser percebido, foi a utilização de sinais da ASL.

Nota-se que os empréstimos linguísticos são naturais entre as línguas, mesmo elas sendo utilizadas em regiões que, pelo menos do ponto de vista geográfico, estão distantes entre si. Devido à tecnologia e ao uso das redes sociais, os surdos, no caso deste estudo, têm contato com sinalizações diversas, o que se reflete nas diversas línguas sinalizadas.

A partir da entrevista com os dois surdos pudemos ter uma visão de como eles se comunicam na região de fronteira, havendo indicativo de interlíngua, apontamentos e tendência ao bilinguismo. Foi possível observar que os surdos que moram nesta região, e transitam entre os dois países, tendem a usar o espanhol e o português escritos, principalmente para se comunicarem com pessoas ouvintes; em relação ao uso das línguas de sinais, utilizam a LSB e a Libras, sendo que, a depender do(s) interlocutor(es) é usada uma mescla de sinais de ambas as línguas constituindo-se, assim, uma interlíngua sinalizada.

Porém, é importante que pesquisas futuras sejam realizadas, buscando observar um quantitativo maior de pessoas surdas. Entretanto, foi um primeiro passo para o estudo do tema, tendo em vista que um dos participantes enfatizou a característica bilíngue da região.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguais” entre os limites nacionais. Porto Alegre: Horizontes **Antropológicos** [online] 2009, vol.15, n/31, pp. 137-166/ Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n31/a06v1531.pdf>. Acesso em 09 out 2024.

ARAÚJO, P. J. P.; BENTES, T. Línguas de sinais de fronteiras: o caso da LSV no Brasil. **Revista Humanidades e Inovação**, v.7, n. 26, 2020, 125–135.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua de sinais - Libras e o Art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em 30 jan. 2025.

BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 15 fev. 2025.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. (Trad. de Marcos Marcionilo). São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CERQUEIRA, Ivanete de Freitas; TEIXEIRA, Elizabeth Reis. O que a história nos conta sobre as línguas de sinais. **Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades**. Jul-Dez, v. 10, n. 2, 2022, p. 268-286.

FOLHA DE VILHENA. **Acreanos cruzam a fronteira e lotam comércio de Cobija em busca de presentes**. Disponível em: folhadevilhena.com.br/25/12/2025/553552/. Acesso em 5 fev. 2026.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN, (Org.). **Curso de Ensenanza de La Lengua de Señas Boliviana**: Módulo 1, 2, 3 e 4. La Paz, Bolivia: Ministerio de Educación, 2010.

MIRANDA, João Paulo Romero. **Contato linguístico da modalidade espaço-visual: língua brasileira de sinais e língua de sinais boliviana na fronteira**. Dissertação de mestrado, programa de pós-graduação em linguística. Florianópolis, SC, 2020.

MIRANDA, João Paulo Romero. *et al.* Língua Brasileira de Sinais e Língua de Sinais Boliviana em contato. **Revista Philologus**, Ano 29, n. 85 Supl., Rio de Janeiro: CIFEFIL, jan./abr.2023.

MORAES, Lourival Monteiro de. **Bilinguismo e jogo de identidades na região de fronteira: A Escola Eutrópia Gomes Pedroso de Corumbá**. Dissertação (Mestrado em estudos fronteiriços). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - Campus do Pantanal. Corumbá, 2012.

NASCIMENTO, C. B. **Empréstimos Linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB: línguas em contato**. 2010 (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2010.

PRETI, Dino Fioravante. **Sociolinguística, os níveis da fala: um estudo sociolinguístico do diálogo literário**. São Paulo: Editora Nacional, 3ª ed., 1977.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos: aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997 [2008].

QUADROS, Ronice Muller de. **Libras: Linguística para o ensino superior 5**. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

QUADROS, Ronice; SILVA, Diná Souza da. As comunidades surdas brasileiras. In: ZAMBRANO, Romana Castro; PEDROSA, Cleide Emilia Foye. (Eds.). *Comunidades Sordas em América Latina: Lengua – Cultura – Educación – Identidad*. = *Comunidades Surdas na América Latina: Língua – Cultura – Educação – Identidade*. Florianópolis: Editora Bookess, 2017. p. 135 – 152.

SÁ, Nídia Limeira de. Existe uma cultura surda? In: SÁ, Nídia Limeira de **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo:Paulinas, 2006, p. 9-18.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. 1 reimp. Florianópolis: Ed. da USFC, 2018.

STROBEL, Karin Lilian. **História da educação dos surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

VARGAS, Vivian Gonçalves Louro; SOUZA, Shelton Lima de. O despertencimento dos sujeitos surdos no ambiente escolar “ouvinte”: identidades, discursos de minorização e resistências. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**. Rio Branco, UFAC v.8 n.2 (2021): Edição jan/abr. – p. 889-903.

Apêndice – Informações sobre o artigo

Histórico editorial

Submetido: 12 de setembro de 2025.

Aprovado: 03 de fevereiro de 2026.

Publicado: 25 de março de 2026.

Conflito de interesse

Nada a declarar.

Declaração de disponibilidade de dados

Todos os dados foram apresentados/gerados no presente artigo.

Contribuição dos autores

Resumo/Abstract/Resumen: Autores; **Introdução ou Considerações iniciais:** Autores; **Referencial teórico:** Autores; **Metodologia:** Autores; **Análise de dados:** Autores; **Discussão dos resultados:** Autores; **Conclusão ou Considerações finais:** Autores; **Referências:** Autores; **Revisão do manuscrito:** Autores; **Aprovação da versão final publicada:** Autores.

Direitos Autorais

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Falange Miúda os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista. Os editores da Revista Falange Miúda têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

Open Access

Este artigo é de acesso aberto (*Open Access*) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como ‘acesso aberto’ quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la—ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



Licença de uso

Este artigo é licenciado sob a Licença *Creative Commons Creative Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0)*. Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



Processo de avaliação

Revisão por pares duplo-cega (*Double blind peer review*).

Editor

Marcus Garcia de Sene

Publisher

Este artigo foi Publicado na Revista Falange Miúda vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - campus Garanhuns da Universidade de Pernambuco - UPE. A Revista Falange Miúda publica artigos de natureza técnico-científica, provenientes de estudos e pesquisas que ofereçam subsídios para o



desenvolvimento do conhecimento educacional, propiciando um diálogo entre os diferentes campos da educação no Portal de Periódicos da Universidade de Pernambuco. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do corpo editorial ou da referida universidade. Na Avaliação CAPES (2017-2020) a Revista Poiesis Pedagógica obteve Qualis B3.

